

IMAGINAR A COMUNIDADE NACIONAL NO
SISTEMA-MUNDO ORIENTALISTA: O CASO DOS
FUNDADORES DO ROMANTISMO PORTUGUÊS

IMAGINING THE NATIONAL COMMUNITY IN THE
ORIENTALIST WORLD-SYSTEM: THE CASE OF THE
FOUNDERS OF PORTUGUESE ROMANTICISM

Everton V. Machado¹

¹ Investigador Principal no Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Resumo: A obra dos portugueses Almeida Garrett (1799-1854) e Alexandre Herculano (1810-1877), tidos por iniciadores do romantismo português, não são de todo associadas ao Oriente, quanto mais ao orientalismo. Em trabalhos de carácter seja literário, seja historiográfico, Garrett e Herculano trataram, essencialmente, foi do domínio arábico-muçulmano da Península Ibérica durante a Idade Média, o que fez com que, na tradição crítica, as suas obras com essa temática ficassem circunscritas ao domínio do medievalismo romântico nacional. No nosso entender, a representação que esses dois importantes intelectuais fizeram do Islão contribuiu em muito para os seus desígnios estético-literários, ao mesmo tempo que a civilização arábico-muçulmana tivera especial relevo no conjunto das suas preocupações programáticas atinentes ao campo da cultura, da política e da pedagogia modernas. A partir da teoria do sistema-mundo moderno de Immanuel Wallerstein, defender-se-á que o orientalismo foi necessariamente importante para os dois escritores imaginarem a comunidade nacional portuguesa.

Palavras-chave: Alexandre Herculano, Almeida Garrett, orientalismo, Portugal, sistema-mundo moderno.

Abstract: The works of the Portuguese Almeida Garrett (1799-1854) and Alexandre Herculano (1810-1877), considered as the initiators of the Portuguese Romanticism, had not been associated with the Orient, let alone Orientalism. In literary or historiographical texts, Garrett and Herculano essentially dealt with the Arab-Muslim domination of the Iberian Peninsula during the Middle Ages, which meant that, in the critical tradition, their works with this theme were circumscribed to the field of national romantic medievalism. In our view, the representation that these two important intellectuals made of Islam contributed a lot to their aesthetic-literary designs, at the same time that Arab-Muslim civilization had special importance in the set of their programmatic concerns related to the field of the modern culture, politics and pedagogy. Based on Immanuel Wallerstein's theory of the Modern World-System, we will argue that Orientalism was necessarily important to both writers in imagining the Portuguese national community.

Keywords: Alexandre Herculano, Almeida Garrett, orientalism, Portugal, modern world-system.

A obra dos portugueses Almeida Garrett (1799-1854) e Alexandre Herculano (1810-1877), tidos por iniciadores do romantismo português, não são de todo associadas ao Oriente, quanto mais ao orientalismo. Isto talvez se deva ao facto de não terem viajado pelo Norte de África, o Médio Oriente ou a Ásia (em contexto imperial) para assim contarmos hoje com algum registo de monta da sua experiência, ou supostamente partilhado, nas suas conhecidas criações, o exotismo oriental então em voga na Europa (PAGEAUX, 1990), situações referidas em pormenor em *Orientalism: Western Conceptions of the Orient*, no que diz respeito a franceses e britânicos (SAID, 1978, p. 166-197).

Em trabalhos de carácter seja literário, seja historiográfico, Garrett e Herculano trataram, essencialmente, foi do domínio arábico-muçulmano da Península Ibérica durante a Idade Média, o que fez com que, na tradição crítica, as suas obras com essa temática ficassem circunscritas ao domínio do medievalismo romântico nacional. No âmbito dos estudos sobre o Orientalismo português, elas ainda não têm merecido a devida atenção, apesar da premissa sobre que repousa, na verdade, o problema, para lá das convenções geográficas modernamente estabelecidas: “[i]n the system of knowledge about the Orient, the Orient is less a place than a *topos*, a set of references, a congeries of characteristics” (SAID, 1978, p. 177). Para um Victor Hugo (1802-1885), o autor de *Les Orientales* (1829),

a Espanha ela mesma não era ainda o Oriente²? Para não falar na Grécia.

Acresce-se que, se Garrett e Herculano chegaram a explorar universos mais distantes em termos geográficos (Herculano, por exemplo, com *Três meses em Calecut: primeira crónica dos estados da Índia – 1498*, novela publicada em 1839) ou abordaram, pontualmente, em textos de outra natureza, ou mesmo intervenções públicas, o Oriente ultramarino português ou o da política internacional, tal não tem entrado muito menos em linha de conta. De qualquer maneira, ainda que se considere a presença do Oriente em importantes criações de Garrett e Herculano como um tema secundário³, será difícil desligá-la do seu projecto maior, o de uma identidade para Portugal, ou, se se preferir, o de uma “pátria possível” (BUESCU, 2018, p. 16).

No nosso entender, a representação que esses dois importantes intelectuais fizeram do Islão contribuiu em muito para os seus desígnios estético-literários, ao mesmo tempo que a civilização arábico-muçulmana teve especial relevo no conjunto das suas preocupações programáticas atinentes ao campo da cultura, da

2 “[L]’Espagne c’est encore l’Orient; l’Espagne est à demi-africaine, l’Afrique est à demi-asiatique”, no prefácio a *Les Orientales* (HUGO, 1964, p. 580).

3 Serafina Martins, na sua proposta de sistematização do Oriente na literatura portuguesa, já considerava que obras como *Camões* de Garrett e *Eurico o Presbítero* de Herculano, “averbadas como estão no cânone da literatura portuguesa, não são problemáticas; em certa medida, trazê-las para a matéria oriental apenas acrescentará um novo item aos termos que legitimam essa canonização destacando um tema secundário de tais obras” (MARTINS, 2010, p. 73). No seu ensaio, a autora não reflecte, no entanto, sobre o orientalismo da forma como este passará a ser observado após a publicação de *Orientalism*, de Said.

política e da pedagogia modernas. Ambos procuraram, ao longo das suas carreiras, construir uma ideia de Nação Portuguesa – uma comunidade da qual os mouros foram definitivamente expulsos em finais do século XV –, sem que hoje se aperceba da importância do orientalismo – no sentido tanto “academic” quanto “more or less imaginative” (SAID, 1978, p. 3) – na formação do seu discurso.

O presente ensaio – considerando-se aqui a cultura como campo de batalha ideológico do sistema-mundo moderno (WALLERSTEIN, 1990) – defende que o orientalismo foi necessariamente importante para os dois escritores imaginarem a comunidade nacional portuguesa. Num primeiro momento, retomarei considerações já feitas noutra lugar (MACHADO, 2018) sobre a necessária associação do estudo do orientalismo à noção de *geocultura* (do modo como a aborda Immanuel Wallerstein nas suas análises do sistema-mundo moderno), mas sublinhando o facto de que Portugal pode bem ser situado na conjuntura que Khaldoun Samman e Mazhar Al-Zo’by (2008) identificam, por sua vez, como sendo uma relação de força entre o Islão e um sistema-mundo *precisamente* “orientalista”. Em seguida, sugerirei o que em Garrett e Herculano mereceria ser desenvolvido. Uma problematização assim empreendida levar-nos-á, finalmente, a defender a relevância de se estudar o papel da *semi-periferia* do sistema-mundo moderno (onde se encontra Portugal) na construção global do orientalismo.

A chamada *geocultura* que se começa a afirmar no tempo dos dois escritores tinha por ideia-chave a *cidadania*, e, se nos ativermos tão-somente às suas ficções históricas tendo o Islão como um dos objectos, o que produziram fornecem-nos argumentos de sobra: como afirma Helena Carvalhão Buescu, “a história do passado [...] nunca é para Herculano *apenas* a história do passado”, isto porque “ao tornarmos esse passado presente estamos a falar do que nos rodeia” (BUESCU, 2019, p. 113). Uma narrativa de Herculano seria, então, uma “narrativa da *cidadania*”; Garrett, diga-se, “procedeu de forma semelhante com as incursões históricas” (BUESCU, 2019, p. 114). Aqui, *falar do que nos rodeia* significa, para nós, desde logo, inferir que a visão de Garrett e Herculano acerca do Islão – ainda que com foco sobre um tempo distante do momento da redacção – é tributária dos paradigmas próprios ao que Said designou como “modern orientalism” (SAID, 1978, p. 22), ou seja, que após o Iluminismo e a Revolução Industrial “there was everywhere amongst Orientalists the ambition to formulate their discoveries, experiences, and insights suitably in *modern* terms, to put ideas about the Orient in very close touch with *modern* realities” (SAID, 1978, p. 43, *itálicos meus*).

1 Portugal no sistema-mundo orientalista

Se a história do sistema-mundo moderno é bem “the history of the expansion of European states and

peoples in the rest of the world” (WALLERSTEIN, 2006, p. 1), não se pode ignorar que essa história “began with Portugal, after the Moors (the Islamic peoples who had conquered Spain) had finally been expelled from the Iberian Peninsula” (HALL, 1992, p. 282). Tratava-se do momento em que “Europe began to define itself in relation to a new idea – the existence of many new ‘worlds’, profoundly different from itself”, sendo que “[t]he two processes – growing internal cohesion and the conflicts and contrasts with external worlds – reinforced each other, helping to forge that new sense of identity that we call ‘the West’” (HALL, 1992, p. 289). Na primeira fase da era de exploração e conquista ocidentais, Portugal fora importante não apenas na prossecução de metas na esfera material, mas também na produção de geografias mentais e de categorizações dos seres humanos, para não falar, ainda, da prática de um orientalismo anterior àquele de franceses e britânicos a partir de meados do século XVIII, com o objectivo de conhecer para dominar (XAVIER E ZUPANOV, 2015, p. XXXII).

No tocante ao sistema-mundo moderno, indicam-se três pontos de viragem (*turning points*) estruturantes: o primeiro tivera lugar com o surgimento do capitalismo enquanto *économie-monde* (teoria de Fernand Braudel); o segundo, com a Revolução Francesa; e o terceiro, com os movimentos sociais e estudantis à escala planetária em 1968 (WALLERSTEIN, 2004, p. 10). É o segundo que nos interessa particularmente, por se poder associar a *geocultura* que com ele emerge ao que Said chama de

“peculiar epistemological framework through which the Orient was seen, and out of which the Powers acted” (SAID, 1978, p. 221), na altura em que França e Inglaterra começaram a construir as duas maiores redes coloniais da história e levando-se em conta o que isto implicou tanto na acumulação e reorganização do conhecimento, quanto na geração de representações dos povos não-europeus. Klemens Kaps já procurou estabelecer uma relação entre o discurso orientalista e os processos sócio-económicos no âmbito da análise do sistema-mundo moderno, para interrogar “how negative stereotypes reflected a certain position within the world-system or if they in fact contributed to the emergence of a core/periphery-structure, for example by providing the geocultural legitimation for the system” (KAPS, 2016, p. 319).

Deve-se ter em consideração que, na perspectiva de Wallerstein, um sistema-mundo não é *o* sistema do mundo, mas um sistema que é *um* mundo e pode ser localizado numa área menor do que o globo inteiro – daí que: “[w]orld-systems analysis argues that the unities of social reality within which we operate, whose rules constrain us, are for the most part such world-systems (other than the now-extinct small minisystems that once existed on the earth)” (WALLERSTEIN, 2004, p. 98-99). A *geocultura* pode, portanto, ser entendida como “a set of ideas, values, and norms that were widely accepted throughout the system and that constrained social action thereafter” (WALLERSTEIN, 2011, p.XVI). As duas principais mudanças provocadas pelo

segundo ponto de viragem no sistema-mundo moderno são justamente o que nos permitem perceber o orientalismo de Almeida Garrett e Alexandre Herculano, não tivessem já sido elas condicionadoras de todo o projecto intelectual e político de ambos:

The French Revolution brought about the two fundamental changes in the geoculture of the modern world-system [...]: it made change, political change, into a “normal” phenomenon, something inherent in the nature of things and in fact desirable. This was the political expression of the theory of progress that was so central to Enlightenment ideas. And secondly, the French Revolution reoriented the concept of sovereignty, from the monarch or the legislature to the people. [...] One of the central consequences of the idea that the people were sovereign is that the people were now defined as “citizens”. [...] To be a citizen meant to have the right to participate, on an equal level with all other citizens, in the basic decisions of the state. To be a citizen meant that there were no persons with statuses higher than that of citizen (such as aristocrats). To be a citizen meant that everyone was being accepted as a rational person, capable of political decision. [...]

If the people are sovereign, we must then decide who falls within the category of the people, and many, it turns out, are excluded. [...] The “people”, which began as a concept of inclusion, turned rather quickly into a concept of exclusion.

As a consequence, the politics of inclusion and exclusion became a centerpiece of national politics throughout the following two centuries (WALLERSTEIN, 2004, p. 51-52).

Ora, a emergente noção de *cidadão* com a formação dos Estados-Nação europeus e o conseqüente triunfo do liberalismo não passaram a dar as cartas apenas no

interior de tais estados. Estabeleceu-se também “a clear line between Europe and the other world, creating a basic justification for imperialism and racism – both so crucial to the geopolitics and geoculture of the post-1789 world” (WALLERSTEIN, 2011, p. 58). Era necessário, assim, *encaixar* os povos em “some common cultural patterns” (WALLERSTEIN, 2004, p. 23). Tais padrões não pressupunham, necessariamente, uma homogeneidade política e cultural, mas passaram a condicionar a vida dos povos num quadro de relações de poder.

A conformação desde o Renascimento da “new global entity”, a que Khaldoun Samman e Mazhar Al-Zo’by preferem por sua vez chamar *sistema-mundo orientalista moderno*, tinha acabado por erigir “a list of characteristics perceived to be the sole possession of the West” que foi “used to justify the racial and cultural stratification of our modern global historical system” e a qual inclui “a whole array of social and political practices that made the West not only different from the rest of the world, but superior”, fazendo, sobretudo, com que ainda hoje, “the industrial, modern, scientific-rational Self” se apresente como distante “from the Other, both spatially and temporally” (SAMMAN e AL-ZO’BY, 2008, p. 3-6). Dever-se-ia, portanto, concentrar o foco na maneira como o Outro é representado, pois, como explica agora Mohammad H. Tamdgidi:

What makes the modern world-system orientalist is the way in which Western domination of the rest of the world (broadly, the East) is justified and accompanied

by a mode of representing and ruling the Other that has less to do with the actual reality of the Other and how the Other represents itself, and more with how the imperial representation of the Other facilitates the latter's dehumanization and degradation, rendering it (in the eyes of the imperial power) needful and deserving of being ruled and colonized (TAMDGIDI, 2008, p. 203).

Desta forma, a própria análise do sistema-mundo moderno seria eficaz na desconstrução da representação "orientalista":

Such a representation posits that every cultural entity has a singular essence within a globe composed of a multiple, yet limited, variety of civilizations, which are reduced to a crude list, a small number of "interacting" cultures, each containing its own *geist*. [...] What appears as an essential expression of difference is in effect the product of power asymmetries which form and constitute those differences. For the Orientalists, each nation, religion, or civilization appears to have its own ethos that is stable within its spatial boundaries and temporal origins. In this sense, the people of a specific group are understood as having a single will, one mind, one race, one Qur'an, one five-pillars, one masculinist culture, one "unreformed religion" waiting for a Luther or a Newton to bring them into the modern world. A world-system analysis challenges this highly essentialized notion of difference by positing that all civilizations are the invention of one modernity. Such an analysis suggests that actors in different locations of the modern world-system are constrained to act within multiple political containers, which elites mobilize to their advantage through the use of national, religious, and cultural discourses (SAMMAN e AL-ZO'BY, 2008, p. 7).

No processo de construção identitária de Portugal – em que, obviamente, as suas elites, à semelhança das de outras latitudes, fizeram uso de discursos nacionais, religiosos e culturais –, não é pouco lembrar que a visão acerca do Islão foi em si mesma uma peça-chave. Devido à actuação colonial de Portugal no subcontinente indiano, Sudeste Asiático e Extremo-Oriente, esquece-se normalmente não só que o país nasceu do confronto com os mouros, para além dos castelhanos (SARAIVA, 1994, 84-85), como também que a sua relação com os primeiros fora determinante (em termos de percepção e para o exercício de poder) na colonização de outros povos (BOXER, 1963). Poder-se-ia até afirmar que “one of the primal motives of Portuguese colonization [era] the fear of the Moor”, sendo que esse “medo” sentido pelos portugueses “was a constant in the trade situation, where the latter enjoyed trade with the East, especially with the pepper coast of India. It might also explain why Gama decided to kill those who looked Muslim” (JOSEPH, 2019, p. 63).

Oblitera-se, ainda, o tratamento dispensado pelo governo português às comunidades muçulmanas nos territórios coloniais tanto de Ásia como de África, sendo até que neste último continente o chamado “Islão Negro” de Moçambique e Guiné-Bissau chegou a constituir uma preocupação importante, política, religiosa e civilizacionalmente falando (VAKIL, 2003). De qualquer modo, ao olhar para a experiência global do pequeno país da ponta da Europa, é impossível não associar

histórica, económica e socialmente a própria configuração do sistema-mundo moderno, ao que Luís Filipe F.R. Thomaz designa como “triplo encontro” de Portugal com a civilização árabe, ou seja, “durante a ocupação muçulmana da península [séculos VIII-XV], no período da expansão portuguesa em Marrocos [século XV] e no da expansão no Índico [a partir de finais do século XV]” (THOMAZ, 2012, p. 27). Como entram nisso Almeida Garrett e Alexandre Herculano?

2 Exemplos em Garrett e Herculano

Como *dois poetas na cidade* – a feliz expressão utilizada por Helena Carvahão Buescu em *O poeta na cidade. A literatura portuguesa na História* (2019). E pode-se explicá-la assim:

quer Alexandre Herculano quer Almeida Garrett não apenas eram dois convictos liberais, do ponto de vista político, mas ainda [...] ambos participaram ativamente nas lutas militares e políticas que o seu empenhamento cívico e ideológico lhes fez escolher. [...] Ambos associaram escolhas pessoais e políticas e escolhas éticas e históricas. [...] Para ambos os escritores, os resultados da sua atividade literária eram, simultaneamente, uma ‘defesa da poesia’ (como Shelley descrevera) e uma ‘defesa da cidade’. *Literatura e história* (BUESCU, 2019, p. 159).

As “escolhas” de ambos pouco significariam para o nosso argumento se não tivessem sido paradigmáticas

do seu tempo ou o seu génio não tivesse permitido a Portugal (às suas elites) virar-se no sentido da História. Como bem sublinha Eduardo Lourenço na conhecida “psicanálise mítica” que empreendeu do destino português em finais da década de 1970:

A partir de Garrett e Herculano, Portugal, *enquanto realidade histórico-moral*, constituirá o núcleo da pulsão literária determinante. [...] Na sequência da primeira revolução industrial, a Grande Revolução da burguesia e do terceiro estado francês modificam a relação do indivíduo e da pátria, que de mera terra paterna se volve Nação. Como cidadão, sujeito de direitos universais, o homem liberal torna-se responsável pelo destino e pela figura dessa nova entidade, a Pátria-Nação, e pode dizer-se, enfim, que lhe cabe nessa qualidade assumi-la, quer dizer, ao mesmo tempo aceitá-la e modificá-la pela sua acção cívica (LOURENÇO, 2013, p. 82, itálico meu).

Aquela *realidade histórico-moral* era bem a de uma geocultura em afirmação, como o demonstra o próprio Garrett (que também foi deputado) num discurso parlamentar, através do duplo movimento do seu raciocínio, a indicar a natureza global de um fenómeno que se pretendia operante para lá do contexto nacional. O pequeno excerto a seguir parece-nos pertinente por não ocultar os laços da religião (Garrett estava a defender a atuação do Padroado português no ultramar), sempre determinante (embora esvaziado) no que hoje chamamos *choque de civilizações*: “Graças, porém, a Deus, á illustração, e á liberdade, que o mundo ja vê mais claro, e que não tardará a penetrar pelas nossas

fronteiras a luz que ja illumina o resto da Europa. Ja hoje é reconhecido, que so a unidade catholica pôde salvar o mundo ocidental dos perigos com que o ameaça o Oriente” (GARRETT, 1871, p. 247).

Exprime-se, aqui, mais do que o conhecido sentimento religioso do cidadão Garrett (semelhante em Herculano, ainda que anticlericais os dois) ou a ambiguidade de se ter mantido um Estado confessional em Portugal após a vitória dos liberais: é bem a razão de a Europa ter inventado “a secular state and society but in an environment where Christian denominations were completely dominant. Many European historians and theologians even believe that it is Christianity that has separated the sacred and the secular realms in general” (BALIBAR, 2004, p. 224-225). Instantes antes no seu discurso, Garrett referira até a ameaça do Islão em África:

[...] temos (o que é peor, e mais perigoso) os missionarios do islamismo, chamando para as brutezas do alcorão, e para fataes sympathias com o nosso poderoso visinhoo Sultão de Mascate, aquellas populações mesmas, que os nossos missionarios antigos resgataram da idolatria e da superstição mahometana, que os nossos guerreiros e navegantes submetteram á Corôa portugueza, e conquistaram para a civilização (GARRETT, 1871, p. 245).

Ora, se nos ativermos somente às criações literárias, o uso que tanto Garrett como Herculano farão da presença histórica do Islão na Península Ibérica não é o de uma mera contingência no processo de formação da

nacionalidade portuguesa: tal uso reflecte não apenas os novos paradigmas epistemológicos, mas também a premente questão geopolítica do tempo dos autores. A conquista dos muçulmanos tinha-se dado no século VIII, para terminar efectivamente em 1492 com a tomada do reino de Granada pelos Reis Católicos de Espanha, embora a vitória definitiva dos portugueses na sua faixa peninsular (o chamado “Gharb”, parte ocidental do “al-Andalus”, como era designado em árabe todo o território) date de 1249, com a tomada da cidade de Faro. O olhar que Garrett e Herculano põem sobre o passado no imaginar a sua comunidade nacional, se não foge aos imperativos de uma geocultura enquanto ideologia do liberalismo, tão-pouco escapa aos condicionalismos impostos pela formação das duas entidades colectivas antitéticas que se tornariam “Islão” e “Europa” (ou “Ocidente”), quando, no século XVI, na esteira da queda de Constantinopla nas mãos dos otomanos em 1453, o conflito passara, em definitivo, de religioso a político (cf. NEUMANN, 1999).

Defendi, noutro lugar (MACHADO, Abril de 2021), que subjazem tanto ao poema dramático *D. Branca ou A Conquista do Algarve* (1826) de Garrett quanto ao romance histórico *Eurico, o Presbítero* (1844) de Herculano estereótipos relativos aos muçulmanos que apenas começaram a cristalizar-se na cultura europeia a partir dos contactos em Quinhentos entre turcos e europeus no âmbito do Império Otomano – uma ameaça real para a Europa até às primeiras décadas do século XX – e

já organizados segundo as técnicas e o repertório conceitual dos orientalistas dito “modernos” de meados de Setecentos em diante. Também já sugeri que tanto em *D. Branca* como em *Eurico* – mas também noutra novela de Herculano, *O Monge de Cister*, de 1849 (MACHADO, Setembro de 2021) – a forma como ambos os escritores representam o conflito entre a Cristandade e o Islão na Península Ibérica durante a Idade Média é perspectivada segundo o conceito iluminista de *despotismo oriental*, senão mesmo, de modo directo, da percepção europeia criada bem tardiamente (em relação ao período das intrigas) em torno dos haréns dos sultões do Médio Oriente, que, de resto, são base do próprio conceito de despotismo (cf. GROSRICHARD, 1994).

Recorde-se, por exemplo, dizer o próprio Herculano que tinha ido procurar “na história do passado doutrina para o presente” (HERCULANO, 1843, p. 220). Na sua reflexão sobre a nacionalidade, não terá sido na Idade Média que encontrou sólidos fundamentos, como aconteceu, de resto, com os primeiros românticos europeus? Na sua *História de Portugal*, publicada entre 1846 e 1853, vemos de maneira clara na passagem seguinte o *tour de force* do escritor:

Portugal, nascido no século XII em um ângulo da Galiza, constituído sem atenção às divisões políticas anteriores, dilatando-se pelo território do Gharb sarraceno e buscando até [...] aumentar a sua população com as colónias trazidas de além dos Pirenéus, é uma nação *inteiramente moderna*. (HERCULANO, 1980, p. 82, itálico meu)

Fora justamente na afiliação religiosa que Herculano – lemo-lo já em *O Bobo*, de 1843 – tinha espelhado o “nexo político” necessário à Nação:

A ideia de nação e de pátria não existia para os homens de então do mesmo modo que existe para nós. O amor cioso da própria autonomia que deriva de uma conceção forte, clara, consciente, do ente coletivo, era apenas, se era, um sentimento frouxo e confuso para os homens dos séculos XI e XII. Nem nas crónicas, nem nas lendas, nem nos diplomas se encontra um vocábulo que represente o Espanhol, o indivíduo da raça godoro-mana distinto do Sarraceno ou Mouro. Acha-se o Asturiano, o Cantabro, o Galiciano, o Portugalense, o Castelhana, isto é, o homem da província ou grande condado; e ainda o Toledano, o Barcelonês, o Compostelano, o Legionense, isto é, o homem de certa cidade. O que falta é a designação simples, precisa, do súbdito da coroa de Oviedo, Leão e Castela. E porque falta? É porque em rigor a entidade faltava socialmente. Havia-a, mas debaixo de outro aspeto: em relação ao grémio religioso. Essa sim; que aparece clara e distinta. A sociedade cristã era una, e preenchia até certo ponto o incompleto da sociedade temporal. Quando cumpria aplicar uma designação que representasse o habitante da parte da Península livre do jugo do islame, só uma havia: *christianus*. *O epíteto que indicava a crença representava a nacionalidade*. E assim cada catedral, cada paróquia, cada mosteiro, cada simples ascetério era um anel da cadeia moral que ligava o todo, na falta de um forte nexos político (HERCULANO, 1988, p. 5, itálico meu).

Garrett segue a mesma linha de raciocínio na introdução ao seu *Romanceiro* (1843-1851), mas fala ali da própria Europa: “[d]urante todo o undécimo,

duodécimo e décimo terceiro século os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova forma: os princípios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes” (GARRETT, 1966, p. 683). Note-se que, como explica Hichem Djait, “Christendom, that purely Western phenomenon, was not merely a religious community. It wanted to be a political body, and to a great extent it was. It gave birth to modern Europe, which is saying a good deal [...]” (DJAIT, 1985, p. 10). Se, por um lado, a partir do século XVI, “the religious consciousness of the West was no longer at war with Islam”, por outro, “it never managed to transcend its dogmatic past and continued to fire away at the truth of Muhammad’s prophecy” (DJAIT, 1985, p. 16) – encontramos disso vários exemplos em Garrett e Herculano. A transformação que teve lugar foi, afinal, nestes termos:

Their sense of superiority [da Igreja, dos teólogos e dos filósofos] in possessing the truth was matched by an awareness of political and cultural supremacy. Things were finally right with the world since military power and civilization now coincided with the truth. And Islam returned to the status of barbarism, in that it was expelled from the common sphere where medieval tradition could come to grips with it, if only to prove it wrong. It had ceased to be viewed as a theological adversary—a force that one controverted, yet for that very reason had to take seriously—but as a primitive religion which did not belong in humanity’s spiritual mainstream. Throughout the modern period, Christianity would thus represent the most powerful source of Western hostility to Islam (DJAIT, 1985, p. 16-17).

Um exemplo desse novo paradigma mental pode ser encontrado num dos volumes dos *Opúsculos* de Herculano, que se serve do estereótipo orientalista moderno da decadência dos povos muçulmanos:

Durante mais de cinco seculos a Peninsula foi um cahos, e a sua historia é um mixto confuso e monstruoso de todas as virtudes e de todas as atrocidades. Entre os arabes, apezar da cultura intellectual, predominava a barbaria moral: as letras e as sciencias, levadas a um alto gráu d'esplendor, não suavisaram jámais os costumes ferozes dos mahometanos, porque a civilisação moral nunca existiu na terra senão por beneficio do christianismo. Nos estados christãos, pelo contrario, era a rudeza intellectual que destruía as influencias moraes do evangelho. [...]

Da somma, porém, dos acontecimentos daquella epocha vêem-se resultar dous factos geraes – a decadencia da sociedade arabe, e os progressos de organisação na sociedade christã (HERCULANO, 1886, p. 42-43).

Desde logo, o poema *Camões* (1825) de Garrett, apesar de não versar sobre o conflito entre a Cristandade e o Islão na Península Ibérica, já instruía sobre a amplitude do problema. Obra inaugural do romantismo português, dialoga directamente com *Os Lusíadas* (1972) de Camões – não se pode esquecer que esta epopeia do século XVI vinha enformada ela própria, ainda, pelo ideal de Cruzada, era fruto directo do primeiro período da expansão da Europa pelo resto do mundo que dera início ao sistema-mundo moderno e poderia ser considerada, com efeito, como o “poema da invenção propriamente dita do olhar europeu

enquanto olhar planetário” (Lourenço, 1988, p. 27). No poema de Garrett, o “Jau supersticioso, como é de Índios”, o “Gentio rudo”, o “pérfido Mouro” (GARRETT, 1983, p. 77, p. 112, respectivamente) não nos parecem ser apenas imagens literárias que um tema do século XVI solicitava a um autor do século XIX – antes, sobretudo, uma *capitis diminutis* (“morte civil”, no direito romano), bem “à luz do novo paradigma epistemológico da Modernidade”:

É a interpretação interessada do sujeito moderno, que objectiva e distancia no estranho tudo o que repugna à secularização e racionalidade europeias e, com esta *capitis diminutis*, o constrange a servir os modelos culturais, sociais e económicos do Ocidente. O já antigo modo bipolar de relacionamento do europeu com o estranho, que foi sucessivamente representando o *outro* como “bárbaro”, “infiel”, “selvagem”, “primitivo actual”, preparava-se para receber novos fundamentos (CATROGA, 1999, p. 200-201).

Examinando atentamente todas essas questões, não será difícil concluir a estreita ligação entre a afirmação de uma consciência ou identidade nacional e a permanente orientalização do Outro. Como afirma Wallerstein:

The concept of citizen forced the crystallization and rigidification – both intellectual and legal – of a long list of binary distinctions that then came to form the cultural underpinnings of the capitalist world-economy in the nineteenth and twentieth centuries: bourgeois and proletarian, man and woman, adult and minor, breadwinner and housewife, majority and minority,

White and Black, European and non-European, educated and ignorant, skilled and unskilled, specialist and amateur, scientist and layman, high culture and low culture, heterosexual and homosexual, normal and abnormal, able-bodied and disabled, and of course the ur-category that all of these others imply – civilized and barbarian (WALLERSTEIN, 2011, p. 146).

3 À guisa de conclusão: distribuição de consciência geopolítica

Ainda que a produção de Almeida Garrett e Alexandre Herculano não seja identificada com o Oriente ou o Islão ou que estes sejam considerados sub-temas das suas obras, o orientalismo não apenas serviu de pedra de toque a esses autores para *falar do que os rodeava*, como também lhes foi necessário operacionalmente ao imaginarem a comunidade nacional portuguesa. De resto, como bem lembra César Domínguez, há todo um universo ainda por explorar para além daquele levado em conta no seminal estudo de Edward W. Said, *Orientalism: Western Conceptions of the Orient*:

Like other interpreters of Western imperialism, Said favored the role played by France, Great Britain, and, more recently, the United States at the expense of Spain and Portugal, even though in the sixteenth century Spain and Portugal created the imaginary of the modern world-system, based on colonial difference. (After all, the discovery of America constituted an essentially orientalist enterprise.) (DOMÍNGUEZ, 2016, p. 426).

Para nós, seria importante começar a perceber o papel desempenhado no orientalismo europeu por um país situado na semi-periferia como Portugal:

Os países semiperiféricos, devido exactamente ao seu carácter intermédio, desempenham uma função de intermediação entre o centro e a periferia do sistema mundial e, um pouco como as classes médias o fazem nas sociedades nacionais, contribuem para atenuar os conflitos e as tensões entre o centro e a periferia. [...] A função de intermediação implica que um determinado país actue como país periférico em relação a um país central e como país central em relação à periferia. Por exemplo, a partir do século XVIII, Portugal funcionou como correia de transmissão no sistema mundial, actuando como centro para as suas colónias e como periferia para a Inglaterra (SOUSA SANTOS, 2019, p. 353-354).

Os exemplos aqui referidos de Garrett e Herculano, a partir da sua localização no sistema-mundo moderno, e contribuindo, de dentro das fronteiras nacionais, para a conformação de uma *geocultura*, confirmam, antes de mais nada, a *distribuição de consciência geopolítica* que é o orientalismo:

a *distribution of geopolitical awareness into aesthetic, scholarly, economic, sociological, historical, and philological texts; it is an elaboration not only of a basic geographical distinction (the world is made up of two unequal halves, Orient and Occident) but also of a whole series of "interests" which, by such means as scholarly discovery, philological reconstruction, psychological analysis, landscape and sociological description, it not only creates but also maintains [...]* (SAID, 1978, p. 12).

Num Garrett, tal *distribuição de consciência geopolítica* revela-se tanto mais pragmática quanto em *Portugal na Balança da Europa* (1830) o autor já aspirava ao controlo definitivo do Mediterrâneo pela Europa (preocupando-o o modo como Portugal dali tiraria proveito), quase que antevendo décadas depois a construção do Canal do Suez (1859-1869), essa “logical conclusion of Orientalist thought and, more interesting, of Orientalist effort” (SAID, 1978, p. 91), por ter significado “[t]he combination of old ideas with new methods, the bringing together of cultures whose relations to the nineteenth century were different, the genuine imposition of the power of modern technology and intellectual will upon formerly stable and divided geographical entities like East and West” (SAID, 1978, p. 89). Afirma ali Garrett, perfeitamente consciente da dinâmica do sistema-mundo moderno naquela altura: “[e]xtendendo-se a civilização para o Oriente, quebrada a barreira da barbarie musulmana, que interrompia a comunicação das nações europeas com as asiáticas por via do Mediterraneo, estreito de Suez, mar Vermelho e mais escalas do Levante, o comércio do Levante hade forçosa, necessariamente recobrar por graus sua antiga importância” (GARRETT, 1830, p. 253). Veja-se o subtítulo de *Portugal na Balança da Europa*: “do que tem sido e do que ora lhe convém ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado”. Não se esperava menos de um *poeta na cidade*.

REFERÊNCIAS

- BALIBAR, Étienne. *We, the People of Europe? Reflections on Transnational Citizenship*. Trad. James Swenson. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- BOXER, Charles. *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire (1450-1825)*. Londres: Clarendon, 1963.
- BUESCU, Helena Carvalhão. *O poeta na cidade: a literatura portuguesa na história*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.
- BUESCU, Helena Carvalhão. Introdução. In Garrett, A. *Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2018, p. 11-24.
- CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009.
- CATROGA, Fernando. A história começou a oriente. In: Hespanha, A. M. (org.). *O orientalismo em Portugal: séculos XVI-XX*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, p. 197-239.
- DJAÏT, Hichem. *Europe and Islam*. Trad. Peter Heinegg. Oakland: University of California Press, 1985.
- DOMÍNGUEZ, César. The South European Orient: A Comparative Reflection on Space in Literary History. *Modern Language Quarterly*, v. 67, nº 4, p. 419-449, 2006.
- GARRETT, Almeida. *Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2018.
- GARRET, Almeida. *Dona Branca ou A conquista do Algarve*. Paris: J.P. Aillaud, 1826.
- GARRET, Almeida. *Discursos parlamentares e memorias biographicas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1871.
- GARRET, Almeida. *Obras*. Vol. 2. Porto: Lello e Irmão Editores, 1966.
- GARRET, Almeida. *Portugal na balança da Europa: do que tem sido e do que ora lhe convem ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado*. Londres: S. W. Sustainance, 1830.
- GROSRICHARD, Alain. *Structure du sérail: la fiction du despotisme asiatique dans l'Occident Classique*. Paris: Seuil, 1994.

HALL, Stuart. The West and the Rest: Discourse and Power. In HALL, S. e GIEBEN, B. (Orgs.). *Formations of Modernity*. Maidenhead: Open University Press, 1992, p. 275–320.

HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos*. Vol. 8. Lisboa: Bertrand, 1843.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. 41^o ed. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d.

HALL, Stuart. *Opúsculos*. Vol. 5. Lisboa: Bertrand, 1886.

HALL, Stuart. *História de Portugal: desde o começo da monarquia até ao fim do reinado de Afonso III*. Vol. 1. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.

HERCULANO, Alexandre. *O bobo*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1988.

HERCULANO, Alexandre. *O Monge de Cister*. 23^o ed. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d.

HUGO, Victor. *Oeuvres poétiques 1*. Paris: Gallimard, 1964.

JOSEPH, Clara A. B. *Christianity in India: The Anti-Colonial Turn*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2019.

KAPS, Klemens (2016). Orientalism and the geoculture of the world system: discursive othering, political economy and the cameralist division of labor in Habsburg Central Europe (1713–1815). *Journal of World-Systems Research*, v. 22, n^o 2, p. 315–348, 2016.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. 9^a ed. Lisboa: Gradiva, 2013.

LOURENÇO, Eduardo. Camões e a Europa. *Matraga*, n^o 10, p. 27-39, 1988.

MACHADO, Everton V. *O orientalismo português e as jornadas de Tomás Ribeiro: caracterização de um problema*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2018.

MACHADO, Everton V. De la clausura cristiana al cautiverio musulmán en Dona Branca (1826) de Almeida Garrett o el orientalismo del homo sentimental. Comunicação apresentada no CONGRESO VIRTUAL INTERNACIONAL Discursos cautivos: mujer, escritura y reclusión, Universitat de València, Valência, Espanha, Abril de 2021.

MACHADO, Everton V. Ficção romântica e orientalismo: projectando o futuro da colectividade humana através da lei em O monge de Cister (1848) de Alexandre Herculano. Comunicação apresentada no 14º CONGRESSO ALEMÃO DE LUSITANISTAS, Associação Alemã de Lusitanistas, Leipzig, Alemanha, Setembro de 2021.

MARTINS, Serafina. O oriente na literatura portuguesa: uma hipótese de sistematização. In: Tocco, V. (org). *L'Oriente nella língua e nella letteratura portoghese*. Pisa: Edizioni ETS, 2010, p. 67-78.

NEUMANN, Iver B. *Uses of the Other: "The East" in: European Identity Formation*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

PAGEAUX, Daniel-Henri. L'orientalisme littéraire. In *Le grand atlas des littératures*. Paris: Encyclopedia Universalis, 1990, p. 310-311.

SAID, Edward W. *Orientalism: Western Conceptions of the Orient*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1978.

SAMMAN, Khaldoun e AL-ZO'BY, Mazhar (orgs.). *Islam and the Orientalist World-System*. Londres: Paradigm Publishers, 2008.

SARAIVA, António José. *A cultura em Portugal: teoria e história* (livro ii). 2ª ed. Lisboa: Bertrand Editora, 1984.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. O Estado e a sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português. In: SOUSA SANTOS, B. de, MENESES, M. P. et. al. (orgs.). *Construindo as epistemologias do Sul: para um pensamento alternativo de alternativas*. Vol. 1. Buenos Aires: CLACSO, 2019, p. 347-396.

TAMDGIDI, Mohammad H. From Utopistics to Utopystics: Integrative Reflections on Potential Contributions of mysticism to World-Systems analyses and Praxes of historical alternatives. In: SAMMAN, K. e AL-ZO'BY, M. (orgs.). *Islam and the Orientalist World-System*. Londres: Paradigm Publishers, 2008, p. 202-219.

THOMAZ, Luís Filipe F. R. Estudos arabo-islâmicos e orientais em Portugal. In: KEMNITZ, E. von (org.). *Estudos orientais. volume comemorativo do primeiro decénio do Instituto de*

Estudos Orientais (2002 -2012). Lisboa: Universidade Católica Editora, 2012, p. 13-32.

VAKIL, Abdoolkarim. Questões inacabadas: colonialismo, Islão e portugalidade. In: CALAFATE RIBEIRO, M. e FERREIRA, A. P. (orgs.). *Fantasmata e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo*. Porto: Campo das Letras, 2003, p. 255-294.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System IV: Centrist Liberalism Triumphant, 1789-1914*. Oakland: University of California Press, 2011.

WALLERSTEIN, Immanuel. Culture as the Ideological Battleground of the Modern World-System. *Theory, Culture & Society*, v. 7, nº 2-3, 1990, p. 31-55.

WALLERSTEIN, Immanuel. *European Universalism: The Rhetoric of Power*. Nova Iorque: The New Press, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. *World System's Analysis: An Introduction*. Durham: Duke University Press, 2004.

XAVIER, Ângela Barreto e ZUPANOV, Ines G. *Catholic Orientalism: Portuguese Empire, Indian knowledge (16th-18th centuries)*. Nova Deli: Oxford University Press, 2015.